

Das Razões da Religião e da Pornografia

Há uma significativa parcela de indivíduos que descobriram o Espiritismo em um determinado ponto de suas vidas, quando não mais podiam coadunar das ideologias que abraçaram por influência instrucional do meio donde reencarnaram. Contando com o apoio dos seus, ou audaciosamente desafiando os rigores das crenças cristalizadas de familiares e parentes, o novo espírita é bastante corajoso para apontar seu indicador contra as doutrinas místicas com que se depara no dia a dia. Esse hábito acaba, por força de seus próprios atavismos, cristalizando-se – torna-se um esporte, até bastante popular em certos círculos espíritas, julgar indecorosamente a religião alheia.

Isto, todavia, enquanto prática desportiva radical, tem limites bastante reconhecíveis – esses espíritas não julgam o Espiritismo, não julgam os autores considerados espíritas, os Espíritos escrivinhadores nem suas obras, tampouco a si mesmos. Nos círculos evangélicos, espírita é tido como pedante, orgulhoso e partidário de forças malignas. Cremos, particularmente, que dever-se-ia dar ouvidos aquilo que nos tem a dizer tais evangélicos. Excluindo as tais forças malignas, o fato de sermos orgulhosos e pedantes tem lá sua razão de ser; e está na proporção das regras desse esporte radical que ao julgar poupa alguns, e execra outros – poupa-se o próprio espírita e execra-se o católico, o evangélico, o protestante, o umbandista, etc.

Enquanto o espírita médio crê ser partidário de uma religião, não parece respeitar aquela pertencente ao sujeito que lhe cruza o caminho – seremos apenas nós que vemos algum equívoco em tal comportamento? Ao depositarmos argumentos no círculo de discussões pertencentes exclusivamente à religião, o Espiritismo não possui uma só vantagem ao defrontar-se com as demais religiões a disposição do povo brasileiro, neste variado e rico supermercado sincrético que é esta nação. E isto se dá porque ao considerar-se a Doutrina dos Espíritos na condição de religião, ela se torna limitada. Posto que suas bases se sustentam em conceitos racionais, o que fundamenta a fé raciocinada (crer por saber), ela se enfraquece por trazer algo que não se ajusta ao conceito religioso – a Ciência.

Afirmar irresponsavelmente que o Espiritismo apresenta um tríplice aspecto é, na realidade, abraçar a perpetuação do conceito secular, religioso, da Santíssima Trindade, ou do tríptico comum a uma gama variada de religiões e culturas registradas pela História – no antigo Egito compunham tal tríade os deuses Osíris, Isis e Hórus; no hinduísmo são os deuses Brahma, Vishnu e Shiva; no cristianismo são Deus, Jesus e o Espírito Santo. A proposta espírita lança luz acerca de tais trindades, lhes demonstrando o primitivismo, uma vez que ora representam a ação das Leis Naturais, ora são tidas como literalmente o que transfiguram em imagem e símbolo. O Espiritismo compreendendo a fugacidade de imagens e símbolos não conjuga destas, por conseguinte não adotando conceitos tais como trindade, ou cousa de mesma espécie.

Aliás, comparativamente podemos listar uma dúzia de conceitos propalados pelas religiões que não têm eco na Doutrina dos Espíritos, o que apenas o descaracteriza como tal – a começar pelo conceito de forças antagônicas universais que buscam anular-se uma a outra, criando um equilíbrio cósmico universal – ou seja, temos o Bem e o Mal numa luta constante para aniquilarem-se. Para a Doutrina dos Espíritos, Bem e Mal não existem – a proposta é a de um Universo composto por dois elementos, Espírito e Matéria, sendo o primeiro aquele que evolui, e o segundo a ferramenta deste para empreender tal intento. Mas aquele que nos surge como dado mais contundente é o fato de o Espiritismo ser uma proposta, diferentemente de qualquer religião que por sua natureza impõe um sistema de crenças enfeixado em dogmas que, como tal, são incontestáveis e indiscutíveis.

Todavia, sem que a divagação pelos labirintos religiosos nos deturpe os objetivos presentes, vamos prosseguir; uma vez constatado a inutilidade de penetrar em discussões que levem em conta apenas os conceitos estritamente religiosos, o que resultaria num bate-boca vão com qualquer daqueles cujas crenças sejam representadas por esta ou aquela específica corrente religiosa, porque surgiu o esporte de palpitar acerca desta ou daquela crença, de tal e tal religião? Crer não é sinônimo de saber e, se o espírita nada sabe, aloca-se na fileira daqueles que têm fé, e fé exclusivamente religiosa – o espírita

que afirma crer em Deus tem o conceito do Criador na mesmíssima medida de um católico ou um protestante, para ficarmos em apenas dois exemplos.

Ao compreendermos que Deus é a causa e a Criação Universal a consequência, passamos a amparar tal idéia por um conceito eminentemente científico – o de não haver consequência sem causa, ação sem reação, fim sem princípio. E isto apenas para citar um exemplo; o mesmo pode ser facilmente verificável quando aplicado a qualquer dos fundamentos da Doutrina dos Espíritos. O espírita, portanto, não crê em Deus, pois sabe acerca de Deus – saber é mais que crer, pois está fundamentado no conhecimento. Confia-se no que se conhece, tem-se fé naquilo que se sabe. O capítulo XVIII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* é pródigo neste tocante, e pode exemplificar melhor isto.

Tal esporte do palpite não leva em conta as razões de ser da religião – o fato de o Espiritismo não ser uma religião não o põe, necessariamente, contrário a ela. Diversamente: racionaliza sua existência, lançando luz sobre questões onde sempre imperou o artigo de fé. Para exemplificar isto, pode-se lançar mão de uma analogia simples, mas chocante para as sensibilidades frágeis – comparamos a religião com a pornografia. Escusamo-nos aos pensamentos contrafeitos, mas o respeito não está no fato de subtrairmos a análise, mas na falsa caridade de não se abordar tal ou tal assunto. Posto que a pornografia existe, ela merece ser investigada, tanto quanto a religião.

Numa investigação simples, embasada pela observação e experiência haurida, verifica-se a religião como conceito que primeiro alcança o ser encarnado, em contraposição a pornografia que se lhe torna do interesse nos anos da puberdade – por aculturação do meio, o indivíduo é apresentado a um sem número de abstrações metafísicas como Deus, alma, justiça divina, etc. Não se pode afirmar que por escolha própria o sujeito abraçou tais conceitos, mas foi levado a estes por influência, ou coação de terceiros – pais e familiares, obviamente, podem tê-lo feito, e o fazem sempre, com a melhor das intenções. As consequências, contudo, podem não resultar sempre positivas.

Parte dos espíritas prova isto – uma parcela destes não nasceu em lares espíritas, tomando contado com a doutrina apenas em certa altura de suas vidas. A pornografia, assim como a religião, prega a transcendência do indivíduo, de um ponto ordinário para outro extraordinário, de um patamar apenas físico para outro metafísico – o êxtase religioso que certos indivíduos apresentam tem paridade com o êxtase orgástico, presente na pornografia em suas multifacetadas formas. A religião foi feita para ser sentida; em mais de uma cultura o êxtase religioso é tido como o momento de ligação da criatura com o Criador, e não tem tradução concreta àqueles que se entregam a este contado “divino” – falar em múltiplas línguas, ter visões de anjos e seres de luz, sentir-se fora do corpo, enfim, toda sorte de sensações descritas por pentecostais, hindus, muçulmanos e toda sorte destes.

O Espiritismo sabe que se trata de mediunidade, que tais ocorrências podem ser descritas como o contado de Espíritos encarnados com Espíritos desencarnados e vice-versa – o que não deveria, em um primeiro momento, diminuir a importância disto para os fiéis, mas diminui. Na condição de espíritas compreendemos isto! E já não nos basta? É preciso tentar convencer os fiéis, numa patética tentativa de fazer prosélitos? Que deveria importar-nos o fato de um evangélico crer estar sendo tocado por Deus, ou o Espírito Santo? Que nos interessa isto, senão para a melhor compreensão do fenômeno mediúnico? A abordagem deve ser científica, e não religiosa – deve-se analisar, e não impor. Quem pergunta quer saber – o contrário idem.

Santa Teresa D’Ávila, em êxtase religioso, foi representada pelo escultor Gian Lorenzo Bernini no estilo barroco da época – século XVII – em escultura que hoje se encontra num nicho da Igreja de Santa Maria della Vitória, em Roma. Sua experiência mística, descrita como que trespassada por uma seta de amor divino, deu margem a dúbia interpretação, e a visão da obra artística apenas vem reforçar isto. Não se pode afirmar que Bernini conhecesse o êxtase religioso facultado apenas aos santos, mas o êxtase orgástico certamente lhe era familiar. Que significados guardam as faces marmóreas de Santa Teresa D’Ávila em sua experiência mística? Êxtase religioso ou orgástico? A

dualidade entre o profano e o sagrado permeia a cultura ocidental como um todo. E o sexo tântrico dos hindus fazem-nos concluir que está realidade é de todas as culturas.

A religião tem sua razão de ser para certos indivíduos, até certo ponto de suas existências; quando uma ideologia não mais tem meios para explicar as indagações que somam-se na precipitação de certa maturidade espiritual, eles a abandonam. Nas palavras de Allan Kardec – *“Todas as religiões houveram de ser em sua origem relativas ao grau de adiantamento moral e intelectual dos homens: estes, assaz materializados para compreenderem o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maior parte dos deveres religiosos no cumprimento de fórmulas exteriores. Por muito tempo essas fórmulas lhes satisfizeram a razão; porém, mais tarde, porque se fizesse a luz em seu espírito, sentindo o vácuo dessas fórmulas, uma vez que a religião não o preenchia, abandonaram-na e tornaram-se filósofos.”* – neste enxerto de *O Céu e o Inferno*, no item 12 de seu primeiro capítulo, o Codificador sintetiza o momento em que a filosofia nasce no pensamento do homem.

Nem todos abandonam a religião, assim como nem todo adolescente deixa, porque tornou-se adulto, de consumir pornografia. A religião, assim como a pornografia se presta a certos indivíduos que estão num dado ponto de progresso particular em que uma ou outra se fazem necessárias, ou ambas. Anseios metafísicos de prazer, seja por êxtase religioso ou orgástico, são uma abstração bastante humana e nem um pouco divina – há muito de hedonismo nisto; apenas se imagina, por atavismo, que a religião é o caminho da “salvação”, enquanto a “pornografia” é a da perdição. Como já tratado acima, o Universo evolui, não havendo possibilidade de cousa alguma se perder, por conseguinte nem ser salva.

O ser humano parece ser o único animal que aprecia testemunhar a prática sexual de indivíduos da mesma espécie. Não há nenhum mistério em tal fato, uma vez que somos seres sociais, e como tal aprendemos por mimetismo, identificação e experiência – própria ou adquirida. Da mesma forma que sorrimos quando vemos alguém sorrir, bocejamos diante do bocejo de outrem, somos tocados pela antevisão, insinuação ou flagra explícito do ato sexual. Não há como ser alheio – cause repulsa ou desejo, asco ou luxúria, não há indivíduo que se ponha indiferente a questão sexual; a pornografia é apenas a institucionalização do ato explícito e, como tal, comercializável.

E a religião também não se propõe a abraçar um aspecto material? Embora as doutrinas religiosas sejam por definição espiritualistas, ou seja, crêem que algo sobreviva a morte do ser (tenha o nome que tiver), não deixam de manter certa atenção acerca da prosperidade material, presente e imediata. Não fosse esta necessidade premente de um aparato eminentemente material para a subsistência do homem e de tudo quanto lhe diz respeito, o dízimo não existiria. Manter as expensas materiais de uma comunidade, de um templo, de um sacerdote, são apenas os fins mais ululantes para o uso das doações (incentivadas) do dízimo. Como tudo quanto pode ser corrompido por objetivos escusos, o dízimo foi torcido, tornando-se o mote principal de certas correntes religiosas, onde, absurdo dos absurdos, sacerdotes possuem, a exemplo de vendedores do comércio, cotas a serem cumpridas – e valores que alcançam cifras estratosféricas.

Enquanto os espíritas sustentarem a falsa idéia de um Espiritismo religioso, jamais poderão arvorar-se suficientemente autorizados a tratar da religião alheia; justamente porque nada compreendem da doutrina que abraçaram. Um dito popular muito simplório na sua expressividade, mas extremamente profundo em seu significado versa que os palpiteiros de plantão são como “macacos que sentam no próprio rabo e não vêem” – o que nós, espíritas, não desejamos ver? Que este movimento de pessoas que diz orbitar o centro teórico de uma doutrina nada compreende acerca dela? Ou que há uma mais fácil maneira de enxergar-se espírita para além do esporte radical de julgar (e julgar mal) as crenças de outrem? Para aqueles que não apreciam o estudo, esta maneira, a única de poder compreender o Espiritismo, é de uma dificuldade ultrajante. Tão ultrajante que não são poucos os que desdenham das Obras da Codificação, expediente que busca tapar o próprio obscurantismo intelectual dos que isto propõem – e arriscam-se a afirmarem-se espíritas.

Desdenhar, zombar, criticar por criticar são as únicas armas de que dispõem os incompetentes para fazer valer seus pontos de vista, crenças arraigadas, atavismos, ranços e vícios de aculturação. O Codificador, sabendo muito bem disto, já alertava a todos, desde a *Introdução* de *O Livro dos Espíritos* para os cuidados que se deve ter ao julgar, ao respeito que se deve dar as crenças alheias, tanto quanto a própria crença. Em que pese sentir-mo-nos molestados diante da onipresença dos televangelistas, basta mudarmos de canal, ou desligarmos a TV e dedicar um pouco de nós, não mais que uma hora diária, ao estudo sério e continuado do Espiritismo:

“O homem que julga infalível a sua razão está bem perto do erro. Mesmo aqueles, cujas idéias são as mais falsas, se apóiam na sua própria razão e é por isso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível. Os que outrora repeliram as admiráveis descobertas de que a Humanidade se honra, todos endereçavam seus apelos a esse juiz, para repeli-las. O que se chama razão não é muitas vezes senão orgulho disfarçado e quem quer que se considere infalível apresenta-se como igual a Deus. (...) Não sabemos como dar esses qualificativos aos que julgam a priori, levemente, sem tudo ter visto; que não imprimem a seus estudos a continuidade, a regularidade e o recolhimento indispensáveis. Ainda menos saberíamos dá-los a alguns que, para não decaírem da reputação de homens de espírito, se afadigam por achar um lado burlesco nas coisas mais verdadeiras, ou tidas como tais por pessoas cujo saber, caráter e convicções lhes dão direito à consideração de quem quer que se preze de bem-educado. Abstenham-se, portanto, os que entendem não serem dignos de sua atenção os fatos. Ninguém pensa em lhes violentar a crença; concordem, pois, em respeitar a dos outros.”